

A presença de hinos no *corpus paulinum*: Abordagem histórica e perspectivas atuais

*Cynthia Muniz Soares*¹

RESUMO: O povo de Deus é um povo que canta. Considerando toda a história do povo de Israel bem como a literatura do Antigo Testamento, que é repleta de salmos e cânticos de adoração a Deus, era de se esperar que a igreja cristã herdasse essa mesma tradição. Desde a década de 1920, uma série de estudiosos da crítica da forma, em especial nos textos paulinos, identificaram passagens que foram classificadas como hinos. A proposta deste artigo é discorrer sobre a identificação de textos hínicos nos escritos paulinos, trazendo aspectos importantes para a contextualização do tema, seguido por um panorama do desenvolvimento dos estudos nessa área, incluindo algumas divergências importantes e discussões mais recentes nesse campo de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Hinos, hinologia, cartas Paulinas, adoração.

ABSTRACT: The people of God are people who sing. Considering the entire history of the people of Israel as well as the Old Testament literature, which is full of psalms and songs of worship to God, it was expected that the Christian church would inherit this same tradition. Since the 1920s, a series of scholars of form criticism, especially in Pauline texts, identified passages that were classified as hymns. The purpose of this article is to discuss the identification of hymnic texts in Pauline writings, bringing important aspects for the contextualization of the theme, followed by an overview of the development of studies in this area, including some important divergences and more recent discussions in this field of study.

KEYWORDS: Hymns, hymnology, Pauline letters, worship.

Introdução

O povo de Deus é um povo que canta. Isso é confirmado através das inúmeras alusões ao ato de cantar, ou alguma expressão equivalente, presentes no texto bíblico. A música, como arte e manifestação cultural, reflete o *ethos*, costumes e, principalmente no caso da música religiosa, as crenças de um grupo ou comunidade. Além disso, ela possui diversas funções, tais como expressão emocional, prazer estético, entretenimento, comunicação, representação simbólica, validação de instituições sociais e religiosas, integração social, além de contribuir para a continuidade e estabilidade da cultura

¹ Mestranda em estudos bíblicos e teológicos do Novo Testamento pelo Seminário teológico Jonathan Edwards – STJE. Pós-graduada em Teologia do Novo Testamento pelo STJE/UNIFIL. Pós-graduanda em Teologia e Literatura Paulina pela Faculdade Unida de Vitória. Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Mestre em Saúde Pública pela FSP/USP. E-mail: cyn_biase@hotmail.com.

(MERRIAM, 1964, p. 222-225). Assim sendo, ela contribui para a formação da identidade de um povo, trazendo à memória fatos importantes da sua história que, quando cantados e lembrados, promovem nas novas gerações o senso de pertencimento e a continuidade daquela cultura, como é, por exemplo, o caso do saltério do Antigo Testamento.

Assim como o Antigo Testamento contém os salmos e alguns cânticos isolados (e.g. o cântico de Moisés e Miriã em Êxodo 15:1-21 e o cântico de Débora em Juízes 5:2-31), o Novo Testamento também contém diversos cânticos, além das inúmeras citações e alusões aos salmos. Desde a década de 1920, uma série de estudiosos da crítica da forma, em especial nos textos paulinos, identificaram passagens no Novo Testamento que foram classificadas como hinos², conforme veremos do decorrer deste estudo. É o caso de Filipenses 2:6-11, um dos textos mais estudados do Novo Testamento e, considerado por alguns, como o hino cristão mais antigo do qual temos conhecimento (BECKER, 2007, p. 447).

Considerando especificamente os hinos cristológicos paulinos, podemos afirmar que esses textos foram e ainda são objeto de extensas pesquisas e discussões na área de estudos do Novo Testamento, tendo em vista a sua importância para os estudos nas áreas da cristologia, eclesiologia e origens da adoração cristã, trazendo *insights* sobre as crenças e práticas litúrgicas das primeiras comunidades cristãs.

É fascinante pensar em como os primeiros cristãos se reuniam como comunidade em adoração e sobre como desenvolveram sua percepção a respeito dos atos salvíficos de Deus realizados por meio da pessoa de Cristo, bem como a sua percepção a respeito de Cristo, que passou a ser também o alvo das orações, louvores e expressões de adoração e devoção. Esse mesmo interesse fez com que alguns nomes importantes como Ralph P. Martin, Martin Hengel, Jack T. Sanders e Larry Hurtado, entre outros, se dedicassem intensamente à essa área de pesquisa.

A proposta deste artigo é discorrer sobre a identificação de textos hínicos nos escritos paulinos. Começaremos trazendo aspectos importantes para a contextualização do tema no período da igreja neotestamentária, com foco especialmente das cartas de Paulo, seguido por um panorama do desenvolvimento dos estudos nessa área, incluindo algumas

² O termo hino, segundo Bichsel (1992, p. 350) é derivado da palavra grega *hymnos*, que no grego clássico de Homero significa cântico de louvor em honra aos deuses, heróis ou conquistadores.

divergências importantes e discussões mais recentes, e por fim as novas possibilidades nesse campo de estudo.

1. Entendendo o contexto das primeiras comunidades cristãs

Ralph Martin (2012, p. 53) declara que “a igreja cristã nasceu em meio aos cânticos” enquanto McDonald e Porter (2000, p. 243, tradução nossa³) afirmam que “não há dúvida de que os primeiros cristãos levantaram suas vozes em louvor a Deus.” Ainda segundo Dunn (2010, p. 40) “é de considerável interesse a possibilidade de que o Novo Testamento contém alguns dos hinos ou cânticos originais cantados pelos primeiros cristãos”. Partindo dessas premissas, apresentaremos algumas informações relevantes para a compreensão do contexto das primeiras comunidades cristãs.

Considerando toda a história do povo de Israel bem como a literatura do Antigo Testamento, que é repleta de salmos e cânticos de adoração a Deus, era de se esperar que a igreja cristã herdasse essa mesma tradição. Temos, por exemplo, o relato de Jesus reunido com seus discípulos na ocasião da última ceia entoando hinos (Mt 26:30; Mc 14:26) que, segundo a tradição, provavelmente tratava-se de um dos “salmos do Hallel”.⁴ Essa e outras evidências indicam que os primeiros cristãos também usavam o saltério como seu hinário e como a base para a composição de novos hinos e cânticos de louvor (JIPP, c2022).

Vários textos bíblicos evidenciam a prática dos primeiros cristãos de cantarem hinos, como por exemplo Atos 26:25 (“Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus...”) e Tiago 5:13 (“...Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores.”), já em um contexto eclesial, entre outros textos presentes nas cartas de Paulo e que serão mencionados no decorrer deste estudo.

Além das evidências presentes no Novo Testamento também temos evidências externas, como por exemplo a carta que Plínio o Jovem, escreveu ao imperador Trajano, no início do segundo século (epístola 10.96), onde afirma que os cristãos tinham o costume de recitar cânticos a Jesus,

³ Todas as traduções das citações de material publicado em língua inglesa foram feitas pela autora deste artigo.

⁴ Depois da refeição da Páscoa, era costume entoar os salmos do Hallel, que correspondem aos salmos 113-118, sendo que a música era um elemento comum nos banquetes antigos (Keener, 2017, p. 192).

⁵ Todas as citações de textos bíblicos utilizadas neste artigo são da Nova Versão Internacional (NVI).

Eles sustentaram, no entanto, que tudo o que sua culpa ou erro envolvia era que eles estavam acostumados a se reunir na madrugada de um dia fixo, para cantar um hino antifonicamente a Cristo como a um Deus e se comprometer por um juramento, não para cometer algum crime, mas para evitar atos de roubo, banditismo e adultério, para não quebrar sua palavra e não reter o dinheiro depositado com eles quando solicitado (PLÍNIO, O JOVEM, 2006, p. 278-279).

O próprio contexto greco-romano, no qual as primeiras comunidades cristãs estavam inseridas, tornaria comum esse tipo de prática religiosa, como afirma Joshua Jipp:

Compartilhar uma refeição comum e oferecer sacrifícios, libações e orações a uma divindade, cantando um hino para honrar e adorar esse deus em particular, era uma prática comum para os antigos grupos religiosos do Mediterrâneo. Cantar um hino a um deus ou a um rei ou governante supremamente poderoso era considerado um ato de adoração, uma forma de conceder respeito e benefícios a alguém cujos atos poderosos eram dignos de honras divinas. (c2022).

Além disso, Eduard Nordem (*apud* WU & PEARSON, 1997, p. 520) afirmou que “cantar hinos como louvor espontâneo às divindades em reuniões públicas, com ou sem instrumentos musicais, era uma prática comum de comunidades judaicas e pagãs muito antes do período do Novo Testamento”.

Uma provável evidência do conhecimento de hinos de matriz greco-romana pelos cristãos é o texto de Atos 17:28 (como disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele”) no qual Paulo está citando o nomeado hino a Zeus em Arato, *Phaenomena* v.5. (BRUCKER, 2014, p. 10). É interessante como Paulo utiliza essa citação para desenvolver seu argumento ao discursar contra a idolatria dos atenienses. Outra evidência dessa tradição está presente na obra “De vita contemplativa” de Fílon de Alexandria, na qual ele fornece uma descrição elaborada da composição e canto de hinos

entre um grupo de cristãos denominado por ele de “terapeutas”⁶ (GORDLEY, 2018, n.p). Entre os escritos pós-apostólicos vale a pena mencionar as Odes de Salomão (hinodia cristã datada entre a metade e final do segundo século) e os escritos de Inácio de Antioquia que é o primeiro dos pais a mencionar hinos ou cânticos em seus escritos (WU & PEARSON, 1997, p. 525). Todas essas informações fornecem o *Sitz im Leben* onde se desenvolveram as práticas litúrgicas, incluindo a composição e uso de hinos pelas primeiras comunidades cristã. Sobre a composição de hinos nessas primeiras comunidades, Ralph P. Martin afirma:

O hino cristão característico surgiu da necessidade de proclamar: 1) a centralidade de Cristo no plano divino de salvação e sua relação singular com Deus; 2) o sentido verdadeiro da vida cristã como de excelência moral; e 3) a libertação dos fiéis de todas as formas de má religião e superstição que os fazem vítimas de temores e dúvidas (2008, p. 631).

Por fim, ao analisar os escritos do Novo Testamento, os estudiosos identificaram uma série de cânticos e hinos. Podemos citar por exemplo, os cânticos da natividade de Lucas (1:46-55, 1:68-79, 2:14 e 2:29-32), os hinos em apocalipse, o prólogo de João (1:1-14), hinos presentes nas epístolas (e.g. 1Pe 1:18-21; 2:21-25 e 3:18-21, Hb 1:3) e os diversos hinos e fragmentos de hinos presentes nas cartas de Paulo (MARTIN, 1967, p.19). A lista pode variar consideravelmente dependendo dos critérios adotados pelo pesquisador na identificação dessas passagens.

2. Referências ao uso de cânticos e hinos nas cartas de Paulo

Ao todo, são atribuídas ao apóstolo Paulo a composição de 13 cartas⁷, sendo que algumas delas são consideradas como os textos de redação mais antiga do cânon do Novo

⁶ Que segundo Filon, seriam uma comunidade de cristãos ascetas da cidade de Alexandria, no Egito, que teriam sido evangelizados por Marcos, companheiro de Pedro (CESARÉIA, 1999, p.63).

⁷ Neste estudo não trataremos da questão da autoria das cartas uma vez que não é relevante para a discussão proposta. São consideradas autênticas, por grande parte dos estudiosos, as cartas 1Ts, Gl, 1Co, 2Co, Rm, Fp, Fm. As demais são consideradas deuteropaulinas (WEGNER, 2016, p.298).

Testamento. São cartas escritas para comunidades cristãs específicas, formadas por judeus e gentios, ou endereçadas à indivíduos (como é caso das epístolas pastorais e Filemom). Algumas das igrejas destinatárias foram plantadas e acompanhadas pelo próprio “Apóstolo dos gentios”.

As epístolas foram enviadas para essas comunidades e certamente foram lidas nas suas reuniões. Essa característica torna o material do *corpus paulinum* uma importante fonte de estudos, fornecendo “*insights*” sobre a organização, práticas litúrgicas e características dessas primeiras comunidades cristãs, além dos estudos na área da cristologia.

Sobre as comunidades destinatárias das cartas de Paulo, Ralph P. Martin afirma,

As Igrejas paulinas que encontramos nas páginas do NT eram comunidades de culto formadas por homens e mulheres fiéis [...] É, portanto, de esperar que essas cartas contenham alguma alusão a uma parte específica do culto cristão, a saber, a adoração de Deus em cânticos religiosos, pois na base judaica e também no *ethos* religioso do mundo greco-romano os hinos a Deus ou aos deuses eram bem conhecidos (MARTIN, 2008, p. 629).

Alguns dos textos mais importantes dessa temática, e que apontariam para o costume dos primeiros cristãos de cantarem hinos e salmos estão presentes cartas de Paulo. Em 1Co 14:15 temos: “Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei ($\psiαλῶ$) com o espírito, mas também cantarei ($\psiαλῶ$) com o entendimento.” Nesse texto Paulo faz referência a si próprio cantando, não se tratando especificamente de um contexto litúrgico.

Porém, na mesma carta Paulo afirma em 1Co 14:26: “Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo ($\psiαλμὸν$), ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja.” Conforme observa Hengel (2003, p.79), é interessante que Paulo coloque entre a lista de dons espirituais a serviço do culto o ato de cantar um salmo em primeiro lugar, o que levou Adolf Schlatter a acreditar que o culto era iniciado com a congregação cantando um salmo. Ralph P. Martin (1963, p.10) faz o mesmo questionamento e afirma que “se houver significância na ordem, a menção da salmodia no topo da lista poderia estar conectada com a adoração na sinagoga, que começa com uma nota de louvor”.

Ainda sobre o mesmo texto, é interessante a afirmação de Adela Yarbro Collins:

O contexto deixa claro que por “salmo” aqui, Paulo não quis dizer um dos salmos canônicos. Esta admoestação nos dá um vislumbre valioso da atividade litúrgica criativa de alguns dos primeiros cristãos. Paulo alude claramente à prática de compor canções religiosas e apresentá-las na adoração comunitária (COLLINS, 2003, p. 361).

Há também o texto de Ef 5:19: “Falando entre si com salmos (ψαλμοῖς), hinos (ᾠμοίς) e cânticos espirituais (ὠδαῖς πνευματικαῖς), cantando e louvando de coração ao Senhor.” E por fim, a passagem paralela em Cl 3:16: “Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos (ψαλμοῖς), hinos (ᾠμοίς) e cânticos espirituais (ὠδαῖς πνευματικαῖς) com gratidão a Deus em seus corações.” Vale ressaltar que esses textos são os únicos no Novo Testamento onde o termo hino (ᾠμοίς) aparece, embora o verbo “cantando hinos” (ὕμνησαντες) seja empregado em outros textos do Novo Testamento (LÖHR, 2014, p. 165).

Há uma discussão entre os pesquisadores se os termos utilizados por Paulo (salmos, hinos e cânticos espirituais) representariam categorias distintas de música. A respeito disso, McGowan afirma:

A frase familiar “salmos, hinos e cânticos espirituais” é menos provável que se referira a três tipos específicos de música do que a três palavras ou frases combinadas para transmitir uma ideia complexa. As canções das primeiras assembleias cristãs poderiam, no entanto, ter incluído textos bíblicos, hinos tradicionais, e composições originais (MCGOWAN, 2014, p. 114).

Já para Michael Bird, as diferenças entre os termos, embora difíceis de identificar, poderiam ser explicadas da seguinte forma:

Um salmo (cf. 1Co 14:26) pode referir-se a um salmo bíblico cantado a capela, um hino (cf. At 16:25; Hb 2:12) pode incluir o acompanhamento de um instrumento musical e cânticos espirituais

(cf. Ap 5:9; 14:3; 15:3) poderia incluir formas mais extemporâneas ou mesmo extáticas de louvor melódico (BIRD, 2009, p. 109).

Sobre essa questão Lincoln (1990, p. 346) afirma que provavelmente o uso dos termos reflita o apreço por Paulo por “empilhar sinônimos”, uma vez que os três termos são os mais comumente utilizados na Septuaginta para falar sobre música no contexto religioso, sendo intercambiáveis entre si. Além disso, propõe que o adjetivo “espiritual”, embora concorde em gênero apenas com o último dos termos, possa abranger a todos eles em caso de sinonímia.

Para Collins (2003, p. 361) “é improvável que o texto se refira a três tipos de expressões litúrgicas aqui. Em vez disso, tomados em conjunto, os três termos representam toda a extensão do canto litúrgico”. Ela também afirma que a variedade de termos pode indicar a situação social pluralista das primeiras comunidades de cristãos.

Embora boa parte dos estudiosos não faça uma diferenciação entre os termos, há alguns que propõem que possa tratar-se de categorias diferentes, como por exemplo Ralph P. Martin,

As designações “salmos, hinos e cânticos espirituais” (i.e., cânticos inspirados pelo Espírito) podem bem se referir a tipos diferentes de composição. Os “salmos” baseiam-se em precedentes veterotestamentários; “hinos” podem bem ser um gênero especificamente cristão dedicado ao louvor do Senhor ressuscitado enquanto “cânticos do Espírito” refletem a explosão espontânea em extasiante louvor, ou um cântico com apelo exortativo (MARTIN, 2008, p. 630)

É interessante também a observação que Larry Hurtado faz a respeito dessas designações,

Considero improvável que "salmos, hinos e cânticos espirituais" devam ser tomados como tipos nitidamente diferenciáveis do canto litúrgico em Cl 3.16-17 e Ef 5.18-20. Mas é bem possível que "cânticos espirituais" se refira especificamente a canções espontâneas consideradas inspiradas (como a profecia) pelo Espírito. "Salmos" e "hinos" podem muito bem incluir cantar

salmos bíblicos que desde o início eram interpretados cristologicamente (HURTADO, 2017, p. 206).

Comentando sobre o contexto cultural dessas passagens, David A. deSilva (2000, n.p) destaca aspectos da educação dos coríntios que incluiria a leitura de poesia e o ato de cantar hinos aos deuses, como uma forma de cultivar piedade e a ética dominante naquela cultura. Para ele, Paulo esperava esse mesmo conhecimento e comportamento dos membros da comunidade de Corinto e Colosso, encorajando-os de modo que eles participassem das reuniões com hinos, sejam eles memorizados ou composições autorais de ordem musical e poética em honra a Deus.

Ainda sobre essas mesmas passagens, Gordon Fee faz algumas observações do ponto de vista cristológico,

Paulo quase que incidentalmente lembra aos crentes de Colossos que os hinos cantados no culto cristão continham a mensagem sobre Cristo como sua ênfase principal [...]. Portanto, a música está no centro da adoração cristã desde o princípio, e esse cantar era cheio de uma Cristologia pressuposta. Hinos como aqueles preservados no Saltério que eram tanto “para”, quanto “sobre” Yahweh eram, agora, cantados (aparentemente de forma exclusiva) para e sobre Cristo Jesus (FEE, 2021, p. 47-48).

Na passagem gêmea em Efésios 5.18,19, a exortação passa para o entoar de cânticos a Cristo. O contexto da adoração bidimensional aqui expressa e pressuposta na passagem de Colossenses - hinos que eram, ao mesmo tempo, direcionados para a Divindade e didáticos para os participantes - encontra-se no Saltério (*ibid*, p. 49).

Para Fee (*ibid*, p. 49) “Nas igrejas paulinas, mais especificamente, Cristo costuma assumir a dupla função de ser tanto a pessoa para a qual os cânticos eram dirigidos como a pessoa sobre quem os cânticos eram feitos”.

Apesar disso, vale ressaltar que segundo Fletcher-Louis (2015, p. 18), Paulo não registra em suas cartas hinos à Cristo, mas apenas hinos sobre Cristo, o que pode ser explicado pelo contexto literário das cartas de Paulo, no qual torna-se mais apropriado

uso do material hínico na terceira pessoa ao invés da segunda pessoa ou do vocativo, uma vez que Paulo está escrevendo para uma comunidade e não para indivíduos.

De fato, há algumas divergências importantes entre os estudiosos a respeito das origens da devoção a Jesus, sendo que os escritos paulinos são textos-chave no desenvolvimento dessa temática. Porém tais discussões não fazem parte do escopo deste trabalho.⁸

3. A identificação de material hínico no *Corpus Paulinum*

Como explica Brucker (2014, p.1) o interesse no estudo dos hinos presentes do Novo Testamento está ligado ao surgimento da crítica da forma (*Formgeschichte*). Apesar dos trabalhos de Johannes Weiss⁹, Eduard Norden¹⁰ e Josef Kroll¹¹, é Ernst Lohmeyer¹² que inaugura as pesquisas nessa área por meio do seu estudo no texto de Fp 2:5-11. Ele apontou o hino como uma composição pré-paulina de origem aramaico-cristã e foi o pioneiro na tarefa de propor uma divisão do hino em estrofes. Para Lohmeyer o hino pertencia à liturgia eucarística da comunidade cristã em Jerusalém e referiu-se à passagem como “*ein carmen Christi in strengem Sinne*” (um hino para cristo em sentido estrito), aludindo a já citada carta de Plínio a Trajano (COLLINS, 2003, p.363-364).

Seu trabalho influenciou nomes como Ernst Käsemann, Joachim Jeremias, Martin Hengel, Ralph P. Martin entre outros. Käsemann¹³ publicou um trabalho no qual ofereceu uma resposta ao trabalho de Lohmeyer apontando uma origem helenística-

⁸ Para tratamentos recentes sobre esse tema veja Michael Bird (Jesus among the Gods, 2022), Richard Bauckham (Jesus and the God of Israel, 2008) e Crispin Fletcher-Louis (Jesus Monotheism, 2015).

⁹ Em *Beiträge zur Paulinischen Rhetorik*, 1897. Segundo Fitzmeyer (1988, p. 470) Weiss foi o primeiro a perceber a estrutura retórica em Fp 2:6-11, com paralelismo rítmico e simétrico.

¹⁰ Norden, E. *Agnostos Theos: Untersuchungen Zur Formgeschichte religiöser*, 1913. Segundo Peppard (2008, p. 325), a identificação de pronome relativo como um indicador de passagens poéticas ou hínicas no Novo Testamento parece ter começado com o estudo de Norden.

¹¹ Em *Die christliche Hymnodik bis zu Klemens von Alexandria*, 1921/22. Segundo Hurtado (2017, p.779) Kroll observou que a hinódia cristã nos dois primeiros séculos falava quase inteiramente sobre Jesus.

¹² Em *Kyrios Jesus: Eine Untersuchung zu Phil. 2,5-11*, 1927–28.

¹³ Em *Kritische Analyse von Phil 2.5-11*, 1950.

gnóstica para o hino, especificamente com raízes no mito do “primeiro-homem-salvador”, apesar de concordar com Lohmeyer em vários aspectos tais como o fato de ser realmente um hino, de que ele é pré-paulino, de que pode ser dividido em 6 estrofes e de que foi inserido por Paulo na carta com a intenção de atender às suas ênfases (CULLMANN, 2002, p. 221; GORDLEY, 2018).

Desde então, vários estudos foram desenvolvidos sobre esse mesmo texto, como por exemplo o livro de Ralph P. Martin “*Carmen Christi*” de 1967, além de outros trabalhos importantes em passagens como Cl 1:15-20 e 1Tm 3:16. Esses estudos apresentaram diversas formas de organização estrófica dos textos, com grande variação entre autores. De maneira geral, Martin e Hurtado, entre outros estudiosos, afirmam que os hinos presentes no *corpus paulinum* não seriam composições de Paulo, mas sim citações ou incorporações de hinos já conhecidos pela comunidade (material pré-paulino) com algumas modificações ou adições, principalmente de caráter cristológico. Além disso houve a tentativa de identificar o contexto dessas passagens, muitas vezes com conclusões divergentes (origem judaica, greco-romana, influência gnóstica etc...) ¹⁴. Sobre esse tema, Paul Bradshaw afirma:

Alguns estudiosos tentaram não apenas identificar passagens como material hínico, mas também classificá-los como sendo: Composições judaicas com pouca ou nenhuma edição cristã; Redações cristãs de originais judaicos; Composições helenísticas pré-cristãs; ou composições puramente cristãs, embora talvez influenciadas por tradições judaicas ou outras (BRADSHAW, 2002, p. 58).

Desde a publicação desses estudos seminais, vários critérios foram estabelecidos para a identificação de hínos no texto bíblico, considerando aspectos linguísticos e estilísticos, bem como sua diferenciação de outros tipos de gêneros literários litúrgicos

¹⁴ Gordon Fee (2022, p. 47) elenca uma série de contextos propostos por diversos autores para o hino de filipenses: a) Judaísmo heterodoxo (Lohmeyer); b) Mito iraniano do Redentor Celestial (Beare); Gnosticismo helenístico e pré-cristão (Käsemann); d) Gnosticismo judaico (J. A. Sanders); e) Passagens do Servo no AT (Coppens, Moule, Strimple); f) Relato de Adão em Gênesis (Murphy-O’Connor, Dunn); g) Especulação de sabedoria judaica helenística (Georgi).

que estão presentes também no texto do Novo Testamento, tais como eulogias, doxologias, homologias e fórmulas batismais.¹⁵

Uma lista desses critérios amplamente citada é a elaborada por Stauffer¹⁶. Ela é citada por pesquisadores como Ralph. P. Martin e David Aune, entre outros. Segue, portanto, a lista de critérios para identificação de hinos de Stauffer, modificada por Matthew Gordley:

1. Eles são frequentemente inseridos e introduzidos por palavras como "entregar", "crer" ou "confessar" (veja Rm 10:9).
2. Eles são frequentemente marcados por deslocamentos contextuais (e.g., 1Tm 3:16).
3. Eles muitas vezes não se encaixam sintaticamente no contexto (e.g., Ap 1:4).
4. Eles geralmente exibem um uso linguístico, terminologia ou estilo diferente de seus contextos (e.g., 1Co 16:22).
5. Às vezes, eles repetem a mesma fórmula de forma muito semelhante (e.g., 2Co 5:21).
6. Eles geralmente exibem sintaxe simples, evitando partículas, conjunções, construções complicadas, preferindo a parataxe à hipotaxe, e o pensamento procede por tese em vez de argumento (e.g., At 4:10).
7. Frequentemente destacam-se pela construção estilística; isto é, eles favorecem o estilo antitético ou anáforo (e.g., 1Tm 3:16).
8. Eles são muitas vezes rítmicos na forma, pelo número de acentos ou mesmo palavras (e.g., 1Co 15:3).
9. Eles são frequentemente organizados em linhas e estrofes (e.g., Cl 1:15-20).
10. Eles são frequentemente marcados por sua preferência por posições e substantivos predicados (e.g., Ign. Ef. 7.2).
11. Eles frequentemente favorecem participios e orações relativas (e.g., Rm 1:3) (GORDLEY, 2018, n.p).

Outro trabalho frequentemente mencionado é o de Gloer (1984) que elaborou uma longa lista de critérios de natureza estilística e sintática, não somente para a identificação de hinos, mas também para permitir a diferenciação entre hinos e homologias (confissões cristãs). A figura abaixo é adaptada do seu artigo:

¹⁵ Eulogias representam votos de bênçãos (e.g., 2Co 1:3-4). Doxologias são expressões de glorificação a Deus (e.g., Rm 11:36). Homologias são confissões de fé (WEGNER, 2016, p. 262-263).

¹⁶ Em Ethelbert Stauffer, *New Testament Theology*, 1956.

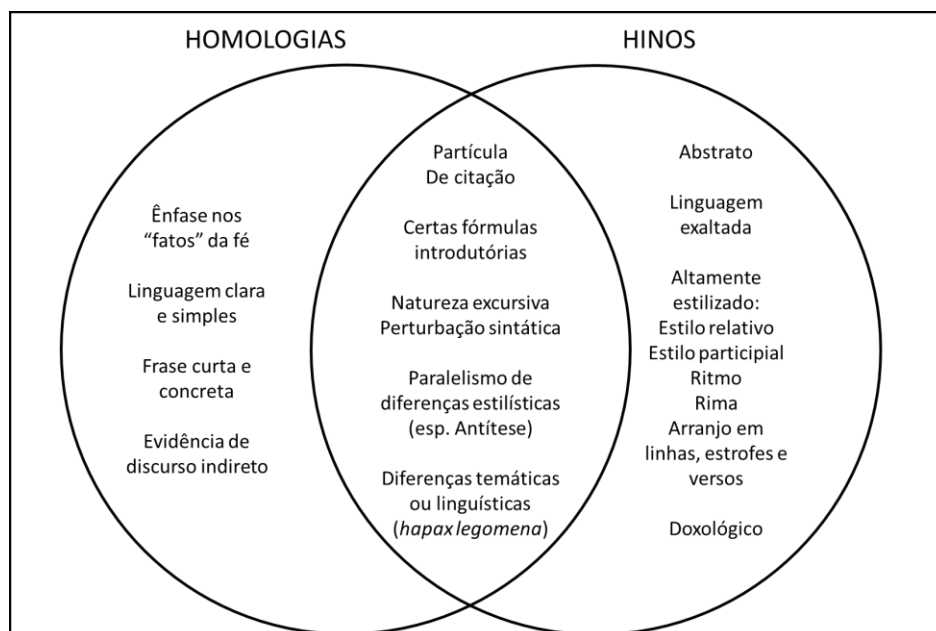


Figura 1 – Critérios básicos para identificação de hinos e homologias. Adaptado e traduzido de W. Hullit Gloer (1984, p. 132)

Empregando critérios como os que já foram mencionados, pesquisadores identificaram diversos hinos ou fragmentos de hinos nas cartas de Paulo. Os mais citados e amplamente aceitos são: Fp 2:6-11, Cl 1:15-20, 1Tm 3:16 e Ef 5:14. Além desses, alguns estudiosos identificam hinos ou fragmentos de hinos em Ef 1:3-12, 1:20-23, 2:14-18, 3:16 (WEGNER, 2016, p. 261). Segundo Gordley (2018, n.p) “as análises dessas passagens incluem discussões mais ou menos extensas sobre a natureza do texto. Muitas vezes, um esboço das principais características hínicas foi considerado suficiente para explicar por que a passagem foi vista dessa maneira.”

Também vale a pena citar a classificação do material hínico paulino conforme proposta por Ralph P. Martin (2008, p.631-633) que os agrupa em: Sacramentais (Ef 2:12-19, Ef 5:14 e Tt 3:4-7), Meditativos (Ef 1:3-14), Confessionais (2Tm 2:11-13), Cristológicos (Fp 2:6-11, Cl 1:15-20 e 1Tm 3:16) e parenéticos (Fp 2:5-11).¹⁷

4. Algumas abordagens mais críticas ao tema

¹⁷ Reumann (1984) sugere que filipenses 3:20-21 pode ser um fragmento de hino. Menos comum é a sugestão de que 1Co 13 também é um hino, embora alguns utilizem essa denominação, como por exemplo Harnack (1911).

É fato que os pesquisadores reconhecem diversas dificuldades na análise desses textos, como veremos a partir de agora. Nas últimas décadas uma série de estudiosos começaram a publicar pesquisas com abordagem crítica, questionando muitos pressupostos e principalmente os critérios metodológicos utilizados na identificação de hinos. A seguir, serão apresentados alguns *insights* a respeito dessas discussões.¹⁸

Quanto à afirmação, por exemplo, de que tais hinos seriam composições pré-paulinas conhecidas pelas comunidades cristãs, temos Michael J. Gorman que admite a possibilidade de que Paulo faz uso de materiais diversos na composição de suas cartas, embora não desconsidere as opiniões divergentes e mais recentes. Ele afirma que,

Ironicamente, porém, parece que Paulo às vezes cita, ou talvez parafraseie, partes de credos, hinos ou poemas e outras breves confissões de fé das igrejas primitivas para resumir seu próprio evangelho. Ao citar tais materiais, Paulo os afirma e os reutiliza criativamente para os seus propósitos particulares. Esses primeiros fragmentos litúrgicos nos fornecem um esboço do evangelho do cristianismo primitivo e paulino (GORMAN, 2016, n.p).

Entretanto, há vozes discordantes como Richard Bauckham (2008, p. 41) que afirma o seguinte sobre o hino em filipenses: “Contra a opinião da maioria de que a passagem é um hino pré-paulino, estou inclinado a pensar que o próprio Paulo o compôs”. Nessa mesma linha, segue a afirmação de Goulder,

É uma pena que a busca por hinos pré-paulinos tenha levado tantas vezes à negação de que Paulo escreveu 2:6:11. Não só o modo de desenvolvimento a partir de um requisito ético está de acordo com a doutrina da imitação de Cristo, como a linguagem é seu próprio idioma [...]. Muito da doutrina é do próprio Paulo [...]. Deveríamos ver em 2:6-11 a obra-prima de despedida do apóstolo, sua eloquência despertada pela última vez (GOULDER, 1997, p. 538).

Douglas A. Campbell compartilha do mesmo ponto de vista e afirma,

Os estudiosos há muito detectaram algo incomum sobre este parágrafo. A prosa que Paulo usa, evidente mesmo na tradução, é uma série densa de cláusulas. Por causa disso,

¹⁸ Vale lembrar que a maioria dos estudos nessa área são sobre o texto de Fp 2:6-11.

alguns têm pensado que Paulo está reproduzindo um importante credo ou hino composto pela igreja primitiva. Mas tanto o vocabulário quanto a mensagem da passagem são típicos do próprio Paulo. Então, uma explicação melhor é que o próprio Paulo compôs o parágrafo, muito possivelmente como uma canção, assim como ele recomenda em 1Co 14:26 e Cl 3:16. E como todas as boas músicas, essa música conta uma história – e uma história deve ser contada para falar personagem Jesus (CAMPBELL, 2020, p.127).

Além das questões da autoria paulina dos materiais hínicos, a tentativa de dividir tais hinos em estrofes mostrou-se uma tarefa igualmente complicada dada a variedade de propostas que podem ser encontradas nos trabalhos publicados, por exemplo, sobre o mesmo hino em Filipenses. Sobre isso é interessante citar as afirmações de Morna D. Hooker,

Desde que Lohmeyer fez sua análise dessas linhas, tentativas foram feitas para estabelecer a estrutura da passagem. O fato de que diferentes estudiosos produzem diferentes estruturas poéticas nos faz hesitar um pouco sobre o valor desse exercício. Eu mesma produzi seis ou sete análises diferentes – e achei cada uma delas convincente na época! (1975, p. 157).

Apesar dessa constatação, Hooker apresenta em seu artigo mais uma proposta de divisão estrófica. Ela também faz algumas observações sobre as dificuldades na análise do texto,

Uma de nossas dificuldades é saber o que estamos procurando. Se esta passagem é poesia, certamente não é poesia grega, é então uma tradução de um hino aramaico? [...] Uma das dificuldades é que a passagem como a temos nunca se encaixa realmente nos padrões que os comentaristas tentam empurrá-la. Eles, portanto, extirpam certas linhas como glosas Paulinas. Mas há uma circularidade perigosa nesse tipo de método; eu suspeito que frequentemente aqueles que analisam as linhas decidiram que palavras são glosas Paulinas antes de iniciar sua análise poética (*ibid*).

É interessante citar também a abordagem crítica presente no livro de Charles Moule que afirma,

[...] Muitas outras passagens têm sido consideradas como hinos [...]. Na realidade, contudo, os critérios não são convincentes. Estas passagens podem ou não ser estróficas, isto é, simétricas e equilibradas em suas linhas ou em seu ritmo. Ninguém demonstrou decisivamente que elas são assim. Mesmo se não fossem realmente, elas podiam ainda ter sido cantadas, tal como os salmos e outros textos irregulares ou sem metrificação, em português, podem ser cantados. Mas quem pode provar que eram hinos? (MOULE, 1979, p. 38).

Já Michael Peppard, uma voz mais recente nessas discussões, faz a seguinte afirmação a respeito dos critérios para identificação de hinos:

Ainda não surgiu um método para identificar poesia ou hinos no Novo Testamento que poderia ser considerado científico, e por ‘científico’ eu quero dizer principalmente um tipo de pesquisa cujos resultados são repetíveis quando aplicados por pessoas diferentes nos mesmos textos (PEPPARD, 2008, p. 323).

Além disso, ao falar sobre o trabalho de Gloer (já mencionado anteriormente neste artigo), ele faz uma crítica sobre a quantidade desses critérios na qual afirma que “foram tantos os critérios propostos para a identificação de hinos no Novo Testamento que ninguém poderia usar os critérios, a menos que já saiba em quais textos usá-los!” (*ibid*, p. 322).

Em seu artigo sobre o hino de Filipenses, Justnes (2017, p. 410) afirma que “nas últimas duas décadas, um número crescente de estudiosos tem argumentado - alguns deles de forma bastante convincente - que Fp 2:6–11 não é um cântico, um salmo ou um hino destinado a ser cantado”. Ele afirma, numa abordagem bastante crítica que “a indústria de caça aos hinos” está morrendo” (*ibid*). Ele também afirma que mediante o desenvolvimento dessas novas abordagens “não seria mais viável utilizar textos como 1Co 14:15;26, Cl 3:16, Ef 5:19 e Plínio para fornecer um contexto, um *milieu* textual ou mesmo um *Sitz im Leben* para Fp 2:6–11 ou mesmo Cl 1:15–20”, pois esses textos apenas confirmam que havia canto na igreja primitiva (*ibid*, pg. 411).

Por fim, o mesmo autor desenvolve sua argumentação assumindo que foi o trabalho de Lohmeyer que influenciou os trabalhos e a cristologia dos três mais importantes autores que trabalharam naquilo que ele chama de “indústria de hinos”, que são Ralph P. Martin, Larry Hurtado e Martin Hengel (*ibid*, p. 412). Ele conclui que Lohmeyer praticamente “cria” o hino cristológico em filipenses e afirma que “o que muitos deles leram como produto de um compositor cristão primitivo, cheio do Espírito, era na realidade uma composição feita por um brilhante professor alemão usando ferramentas de crítica da forma” (*ibid*, p. 424).

O trabalho de Justnes também aborda as dificuldades com a terminologia “hino”, afirmando que o termo pode ser utilizado com uma gama de significados. Apesar de não se aprofundar na discussão, ele enfatiza algumas distinções importantes que são “(1) hinos feitos, emanados ou inspirados por um cenário de culto e (2) outros tipos de hinos, ou seja, o que talvez poderíamos chamar de ‘hinos com modificações’: hinos em prosa (às vezes sinônimo de prosa elevada), encomia, hinos subversivos¹⁹, etc.” (*ibid*, p. 413).

Para ajudar na compreensão dessas definições vale mencionar Edsall e Strawbridge que oferecem uma explicação da terminologia,

Mais comumente na literatura grega, o termo ὕμνος refere-se a uma canção em louvor a um deus ou outra figura divina. composta em uma métrica poética e comumente associado a atividades de culto, embora também possa incluir hinos para devoção privada. Em segundo lugar, e mais amplamente, o termo “hino” poderia ser usado para designar qualquer canção de louvor a um deus, incluindo aqueles sem métrica. Em um senso técnico então estaria na categoria de “hinos em prosa” (EDSALL & STRAWBRIDGE, 2015, p. 296).

¹⁹ Em Martin & Nash (2015, p. 90) o termo hinos subversivos é explicado pelo fato de que as noções convencionais, greco-romanas de honra e vergonha, que são típicas do gênero hymnos, são invertidas quando Cristo, em Filipenses, é elogiado justamente por assumir posições vergonhosas de humildade e serviço. Essa terminologia será usada em algumas publicações que enfatizam o caráter anti-imperial desses hinos, como por exemplo “Jesus Is Lord, Caesar Is Not” de Scot McKnight e Joseph Modica e “Songs of resistance” de Alan Streett.

Sobre o termo encomia (que na retórica é uma composição em prosa, um discurso de louvor) e sua diferenciação de “hino”, Gordley (2018, n.p) afirma que os termos “às vezes podem ser distinguidos um do outro, e às vezes não. Por exemplo, Platão e outros fizeram uma distinção entre *encomion* e *hymnos* com base no assunto sendo elogiado, se era humano ou divino.” Entretanto, Michael Bird (2022, n.p) afirma que “também é verdade que hinos aos deuses e encomias aos reis não são distinguidos em sua forma, e a diferença entre eles é tênue”.

Em sua análise de Filipenses 2:6-11, Adela Y. Collins considera apropriado o uso dos termos hino em prosa ou encomia para classificá-lo e faz alguns apontamentos interessantes,

A hipótese de que Fp 2:6-11 é um hino em prosa ou uma breve encomia em prosa rítmica e que compara Jesus favoravelmente com governantes típicos levanta possibilidades intrigantes sobre sua configuração e propósito. Nos períodos helenístico e romano, hinos em prosa às divindades tornaram-se cada vez mais importantes e a responsabilidade para compô-los foi atribuído àqueles que possuíam o cargo ou a posição honorária de θεολόγος (COLLINS, 2003, p. 371).

[...] o termo foi usado para tais funcionários nos cultos imperiais em Pérgamo, Éfeso e Esmirna. Visto que Paulo passou um período de tempo em Éfeso, é provável que ele estivesse familiarizado com a escrita de hinos em prosa ou encomia em homenagem ao imperador (*ibid*).

Ela conclui afirmando que Paulo,

Por causa do evangelho, adaptou a forma do hino em prosa grega para instruir os filipenses em termos culturais familiares a eles. Antes de se voltarem pra Cristo, eles tinham seus θεολόγοι [...] essas veneráveis tradições podem ter inspirado Paulo a tornar-se um Χριστολόγοι (*ibid*, p. 372).

Nessa mesma linha, Joshua Jipp, em sua análise do hino de Colossenses, afirma o seguinte,

Meu argumento em relação a Colossenses 1:15-20 é que o texto é uma encomia [...] escrita para louvar o rei messiânico que, em

ampla concordância com a antiga ideologia da realeza: (a) é o eleito de Deus vice-regente real (davídico), que (b) cria, sustenta e governa criação, e (c) governa sobre seu povo e estabelece a paz entre eles e Deus reconciliando todo o cosmos com Deus (JIPP, 2015, p. 100).

Lidando com essas abordagens mais recentes e críticas sobre o tema, Matthew Gordley (2018, n.p) apresenta sua definição de hinos como “composições curtas que têm seu foco no louvor ao divino, endereçados em segunda ou terceira pessoa descrevendo as ações e atributos daquele que está sendo louvado, em prosa elevada ou estilo poético”.

É fato que na maioria dos comentários bíblicos, introduções ao Novo Testamento e demais publicações que lidam com os textos paulinos, ainda prevalece a prática de denominar tais passagens das cartas de Paulo como hinos, embora muitos autores reconheçam o uso genérico do termo frente às complexidades já mencionadas das discussões mais recentes.

Vale mencionar a afirmação de Michael J. Gorman sobre o hino de filipenses,

A primeira edição deste livro o chamou de hino; alguns se referem a ele como um “hino em prosa”. Às vezes é considerado uma encomia, ou tributo [...]. Eu usarei termos como “história”, “drama”, “poema”, “história poética”, “poema de Cristo” e até mesmo “evangelho” de forma intercambiável. Se for também um hino, nenhuma dessas outras designações é invalidada (GORMAN, 2016, n.p).

No que se refere a possibilidade que os hinos paulinos fossem conhecidos e cantados pelos primeiros cristãos, vale mencionar o trabalho de Edsall & Strawbridge que destaca a importância de se considerar a recepção da patrística na análise desses textos. Eles afirmam,

A recepção patrística, portanto, oferece suporte e evidência para a identificação de um texto além da busca por critérios ou marcadores particulares de um hino, já que esta recepção nos permite examinar o conteúdo e o contexto de como uma passagem foi usado nas primeiras obras cristãs. Assim, se textos como Cl

1.15-20 e Fp 2.6-11 foram entendidos como hinos pelos primeiros cristãos, podemos esperar encontrar evidências para tal compreensão em seus escritos existentes (2015, p. 301).

Eles concluem, após a análise de vários escritos da patrística que a recepção inicial desses textos não pode determinar se eles existiram ou não como hinos, deixando-nos com um silêncio nesse sentido (*ibid*, p. 305).

Por fim, considerando as complexidades sobre o tema, Lynn Cohick faz os seguintes apontamentos em seu comentário sobre o hino de Filipenses,

A passagem é conhecida como o “hino de Cristo” porque sua estrutura tem um ritmo poético e flui para isso. “Todos concordam que linguagem exaltada, lírica, quase credal é empregada nestes versos.” A tensão surge na definição de “hino”, pois não temos evidências de uma forma ou de outra que esta passagem foi cantada ou recitada nas igrejas paulinas. Sabemos que os cristãos cantavam hinos em suas reuniões (Ef 5:19), por isso não é impossível que esta passagem era também integrada ao culto da igreja. No entanto, a falta de provas específicas levou alguns a sugerir que “poema”²⁰ é uma descrição melhor do passagem lírica (2013, n.p).

Conclusão

O presente estudo teve como finalidade apresentar o contexto e desenvolvimentos dos estudos na identificação de material hínico presente no *corpus paulinum* bem como algumas discussões e perspectivas mais recentes.

Fica claro que, apesar dos trabalhos iniciais e bastante entusiastas sobre o tema apontarem a presença de hinos nas cartas de Paulo, que teriam sido conhecidos das comunidades paulinas e inseridos por Paulo em suas cartas, há uma série de complexidades que precisam ser levadas em consideração quanto aos critérios de classificação e mesmo da identificação desse tipo de literatura. Apesar disso, muitos

²⁰ Esse é o caso por exemplo de N. T. Wright em sua análise de Colossenses na obra *The Climax of the Covenant: Christ and the Law in Pauline Theology*, 1991.

estudiosos atuais seguem considerando a possibilidade de que Paulo utiliza e adapta material litúrgico primitivo em suas cartas com finalidades retóricas e parenéticas.

Além disso, é necessário admitir que não há evidências suficientes, seja no texto bíblico ou mesmo na literatura patrística, que nos permitam afirmar que de fato esses “hinos” eram conhecidos e até mesmo cantados pelos membros das comunidades paulinas, de modo que permanecemos com uma série de interrogações.

A variedade de abordagens a respeito da estrutura estrófica ou mesmo do contexto desses textos apontam para a dificuldade dessa tarefa, o que Gordon Fee (1993, p. 35) denomina de possível “irrelevância” desse exercício. Além disso, é possível que a autoria dos hinos presentes nas cartas de Paulo seja paulina, ou ainda dos membros da “escola paulina” no caso das cartas disputadas, utilizando um estilo literário bem conhecido de sua época, como a encomia por exemplo.

Apesar da grande quantidade de trabalhos já publicados, estudiosos continuam se dedicando ao estudo dessas passagens, principalmente dada sua importância cristológica. Como sugestão, novas pesquisas nesse campo de estudo poderiam incluir a análise dos hinos do Novo Testamento em diálogo com os textos encontrados nas comunidades de Qumran, como os salmos de Salomão por exemplo, ou mesmo com as inscrições e hinos em homenagem aos imperadores romanos²¹, além de outros estudos na área de intertextualidade. As abordagens anti-imperiais dos hinos e escritos paulinos também tem sido objeto de estudo em diversas publicações recentes, indicando mais um campo promissor de pesquisas.^{22 23}

Rerefências

BAUCKHAM, Richard. *Jesus and the God of Israel: God Crucified and Other Studies on the New Testament's Christology of Divine Identity*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2008.

²¹ Apontamentos feitos por Matthew Gordley em conversa por e-mail no ano de 2022.

²² 22 Como por exemplo as publicações já mencionadas na nota explicativa sobre os hinos subversivos.

²³ 23 Agradeço ao professor Jairo Rivaldo pelo apoio e orientações durante o meu período de estudos na pós-graduação e ao amigo Daniel Supimpa pela cuidadosa correção deste artigo e por seus valiosos apontamentos.

BECKER, Jürgen. *Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BICHSEL, M. Alfred. *Hymns, Early Christian*. In. FREEDMAN, David Noel (editor). *The Anchor Bible Dictionary, Volume 3: H-J: 03*. Yale University Press, 1992.

BIRD, Michael. F. *Colossians & Philemon: A New Covenant Commentary*. Cambridge: The Lutterworth Press, 2009.

BIRD, Michael F. *Jesus among the gods: Early christology in the Greco-Roman world*. Texas: Baylor University Press, 2022. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/3761469/jesus-among-the-gods-early-christology-in-the-grecoroman-world-pdf>.

BRADSHAW, Paul F. *The Search for the Origins of Christian Worship. Sources and Methods for the Study of Early Liturgy*. New York: Oxford University Press, 2002.

BRUCKER, Ralph. “Songs”, “Hymns”, and “Encomia” in the New Testament? In. LEONHARD, Clemens & LÖHR (editores). *Literature or Liturgy? Early Christian Hymns and Prayers in their Literary and Liturgical Context in Antiquity*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.

CAMPBELL, Douglas A. “*Philippians and Philemon*” in *The New Cambridge Companion to St. Paul (Cambridge Companions to Religion)*, LONGENECKER, Bruce W. (editor). Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

CESARÉIA, Eusébio de. *História eclesiástica. Os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

COHICK, Lynn H. *The story of God Bible Commentary – Philippians*. LONGMAN III, Tremper & MCKNIGHT, Scot (General Editors). Grand Rapids: Zondervan, 2013. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/558130/philippians-pdf>.

COLLINS, Adela. Y. *Psalms, Philippians 2:6-11, and the Origins of Christology*. *Biblical Interpretation*, 11(3), 361-372, 2003.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Custom, 2002.

DESILVA, David A. *Honor, patronage, kinship & purity: Unlocking New Testament Culture*. Illinois: IVP Academic, 2000. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/971451/honor-patronage-kinship-purity-unlocking-new-testament-culture-pdf>.

DUNN, James D. G. *Did the first christians worship Jesus? New Testament evidence*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2010.

EDSALL, Benjamin & STRAWBRIDGE, Jennifer R. “*The Songs We Used to Sing? Hymn ‘Traditions’ and Reception in Pauline Letters.*” *Journal for the Study of the New Testament* 37, no. 3: 290–311, 2015.

FEE, Gordon D. “*Philippians 2:5-11: Hymn or Exalted Pauline Prose?*” *Bulletin for Biblical Research*. 2: 29-46, 1992.

FEE, Gordon D. *Filipenses: comentário exegético*. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FEE, Gordon. *Jesus o Senhor Segundo o Apóstolo Paulo: Uma Síntese Teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

FITZMEYER, Joseph A. The Aramaic background of philippians 2:6-11. *The Catholic Biblical Quarterly*, vol. 50, no. 3: 470-83, 1988.

FLETCHER-LOUIS, Crispin. *Jesus Monotheism volume 1- Christological Origins: The Emerging Consensus and Beyond*. Eugene: Cascade Books, 2015.

GLOER, William Hulitt. *Homologies and Hymns in the New Testament: Form, Content and Criteria for Identification*. *Perspectives in Religious Studies*, vol. 11, no. 2: 115-132, 1984.

GORDLEY, Matthew. E. *New Testament Christological Hymns: Exploring Texts, Contexts, and Significance*. Illinois: IVP Academic, 2018. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/3009142/new-testament-christological-hymns-exploring-texts-contexts-and-significance-pdf>.

GORMAN, Michael J. *Apostle of the Crucified Lord: A Theological Introduction to Paul and His Letters*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, 2016. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/2015393/apostle-of-the-crucified-lord-a-theological-introduction-to-paul-and-his-letters-pdf>.

GOULDER, Michael. *As epístolas Paulinas*. In. ALTER, Robert & KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997.

HARNACK, Adolf Von. *Das Hohe Lied Des Apostels Paulus Von Der Liebe (I. Kor. 13) Und Seine Religionsgeschichtliche Bedeutung*. Berlin: Georg Reimer, 1911.

HENGEL, Martin. *Between Jesus and Paul: Studies in the Earliest History of Christianity*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2003.

HOOKE, Morna D. ‘*Philippians 2.6-11*. In ELLIS, .E. E. & GRÄSSER, E. (editores), *Jesus und Paulus:Festschrift für Werner Georg Kümmel z. 70. Geburtstag*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 151-64, 1975.

HURTADO Larry. *Senhor Jesus Cristo*. São Paulo: Academia cristã, 2017.

JIPP, Joshua, W. *Christ is King: Paul's Royal Ideology*. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

JIPP, Joshua W. *Hymns in the New Testament*, 2022c. Disponível em: <https://www.bibleodyssey.org:443/en/passages/related-articles/hymns-in-the-new-testament>. Acesso em: 21 de junho de 2022.

JUSTNES, Årstein. *Philippians 2:6–11 as a Christological Psalm from the 20th Century*. In: Pajunen, M. and Penner, J. ed. *Functions of Psalms and Prayers in the Late Second Temple Period*. Berlin, Boston: De Gruyter, pp. 410-424, 2017.

KÄSEMANN, Ernst. *Kritische Analyse von Phil 2.5-11*. In: *Exegetische Versuche und Besinnungen*. Vol. 1. Goettingen, 1965.

KEENER, Craig. *Comentário Histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KROLL, Joseph. *Die christliche Hymnodik bis zu Klemens von Alexandria*. Königsberg: Hartungsche Buchdruckerei, 1921/22.

LINCOLN, Andrew t. *World biblical commentary: Ephesians*. Grand Rapids: Zondervan, 1990.

LOHMEYER, Ernst. *Kyrios Jesus: Eine Untersuchung zu Phil. 2,5-11*. Heidelberg, 1928.

LÖHR, Helmut. *What can we know about the Beginnings of Christian Hymnody?* In: LEONHARD, Clemens & LÖHR (editores). *Literature or Liturgy? Early Christian Hymns and Prayers in their Literary and Liturgical Context in Antiquity*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.

MARTIN, Michael Wade & NASH, Bryan A. “*Philippians 2:6-11 as subversive ‘hymnos’: a study in the light of ancient rhetorical theory*.” *The Journal of Theological Studies* 66, no. 1: 90–138, 2015.

MARTIN, Ralph P. *Carmen Christi. Philippians ii. 5-11 in recent interpretation and in the setting of early christian worship*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

MARTIN, Ralph P. *Adoração na Igreja Primitiva*. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2012.

MARTIN, Ralph P. *Hinos, fragmentos de hinos, cânticos, cânticos espirituais*. In: HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P. & REID, Daniel G. (editores). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

MCGOWAN, Andrew B. *Ancient Christian worship: early church practices in social, historical, and theological perspective*. Grand rapids: Baker Academic, 2014.

MCKNIGHT, Scot & MODICA, Joseph B. *Jesus Is Lord, Caesar Is Not: Evaluating Empire in New Testament Studies*. Illinois, IVP Academic, 2013.

MERRIAM, Alan P. *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

- MOULE, Charles D. F. *As origens do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- NORDEN, Eduard. *Agnostos Theos: Untersuchungen Zur Formengeschichte religioser*. Leipzig: Verlag B. G. Teubner, 1913.
- PEPPARD, Michael. 'Poetry', 'Hymns' and 'Traditional Material' in *New Testament Epistles or How to Do Things with Indentations*. *Journal for the Study of the New Testament*, 30(3):319-342, 2008.
- PLÍNIO, O JOVEM. *Complete letters / Pliny the younger; translated with an introduction and notes by P. G. Walsh*. New York, Oxford University Press Inc, 2006.
- REUMANN, John H. P. *Philippians 3:20-21 - A Hymnic Fragment?* NTS 30:593-609, 1984.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- STAUFFER, Ethelbert. *New Testament Theology*. New York: The MacMillan Company, 1956.
- STREETT, Alan. *Songs of resistance: Challenging Caesar and Empire*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2022.
- WEISS, Johannes. *Beiträge zur paulinischen Rhetorik*. In: *Theologische Studien: Bernhard Weiss zu seinem 70 Geburtstag*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1897
- WU, Julie, L. & PEARSON, Sharon C. *Hymns, Songs*. In: MARTIN, Ralph P. & DAVIDS, Peter H. (editores). *Dictionary of the later New Testament and its developments*. Leicester: InterVarsity Press, 1997.